

E Celso Furtado

já pede um crédito de confiança para o futuro governo

Economia =

Brasil

JORNAL DA TARDE

22 AGO 1984



A crise econômica atual que engloba três grandes problemas — a recessão, a inflação e a dívida externa — só terá alguma chance de ser resolvida se a população brasileira der um crédito de confiança ao próximo presidente e se mostrar disposta a cooperar. Em contrapartida, para obter apoio popular, o governo tem de colocar a economia em funcionamento, frear o desemprego e recompor o poder aquisitivo dos salários.

O economista Celso Furtado não traçou apenas um quadro da situação econômica do País e apontou estes caminhos para combater a crise. Ao finalizar sua palestra de ontem que teve como tema "O Presente e o Futuro Econômico-Político do Brasil", num ciclo de debates promovido pela Secretaria dos Negócios Metropolitanos e pela Companhia do Metrô, Celso Furtado falou como membro do PMDB, provável ministro, e fez um apelo: que a população colabore com o próximo governo, referindo-se, é claro, a Tancredo Neves.

Todo mundo está na defensiva. Ninguém está disposto a ceder nada, porque a cada medida anunciada por esse governo já se pensa em outro golpe. Mas a situação tem que mudar. O próximo governo precisa ganhar o apoio da população para que, integrado com a sociedade, possa exigir paciência dos credores. E é o apoio da população que dará autoridade ao governo para enfrentar a dívida externa e mudar o quadro econômico.

O sucessor de Figueiredo terá de lidar com uma situação difícil, segundo Celso Furtado, que é combater a inflação e ao mesmo tempo ativar a economia. Para ele, a solução dessa questão é social, política, e daí a necessidade fundamental de apoio popular.

Ao analisar o quadro atual, Celso Furtado explicou que a economia do País foi atingida por três grandes doenças: a recessão, a inflação e a dívida externa. "É como um organismo atingido por três graves doenças que o imobilizam. Receberemos esse legado dos anos de autoritarismo, da ciência dos tecnoratas que dizem tudo saber." A recessão, que já está em seu quarto ano, significou uma perda enorme, de dezenas de bilhões de tudo que se deixou de produzir. A inflação, ele atribuiu entre várias causas à indexação total do setor financeiro.

— A economia de mercado exige um molejo, um auto-ajustamento. Enquanto alguns preços se elevam, outros baixam em termos relativos. Mas, na medida em que a indexação foi introduzida na economia, este molejo foi sendo minado. A indexação foi criada para defender os mais fracos economicamente. Mas no Brasil ela foi aplicada para defender todo mundo. Resultado: o setor financeiro foi completamente indexado e o sistema perdeu seu molejo.

Além do problema da indexação, ele culpou o governo por fabricar uma inflação de 200%, ao apelar por duas vezes à maxidesvalorização

ção e ao aplicar um choque interno na economia com o corte de subsídios agrícolas, segundo a política do FMI. "O FMI tem a ideologia primária de achar que todo subsídio é ruim."

A terceira doença, a dívida externa, que vai passando dos cem bilhões de dólares, é, segundo Furtado, outra enorme hipoteca para a geração de hoje e de amanhã. Ele ressaltou que grande parte dessa dívida foi contraída "quando as taxas de juros começaram a se elevar nos Estados Unidos" e o governo brasileiro resolveu financiar a dívida com mais dívida. Isso não poderia ter acontecido "porque não posso me endividar com juros crescentes".

Entretanto, ele aposta no próximo governo e na renegociação da dívida porque os grandes bancos estão numa situação difícil, da qual querem sair. "Não vamos romper com o FMI, vamos impor-nos assimir uma posição firme desde o começo, não permitindo o que ocorre agora com a intervenção na nossa política de emprego e até no BNH. Não creio que uma renegociação seja difícil", disse, insistindo no apoio da população e explicando que o problema da dívida na verdade se transformou "nas negociações com os grandes bancos norte-americanos e nas nossas relações com eles". Disse também que não é mais possível "continuar nessa sangria de recursos para o Exterior, utilizando metade do que exportamos para pagar a dívida".